



CONFISSÃO (FRAGMENTOS)

[1882]

Fui batizado e educado na fé cristã ortodoxa. Nela me ensinaram desde a infância e durante toda a minha adolescência e juventude. Mas quando, aos dezoito anos, saí do segundo ano da universidade, já não acreditava em nada daquilo que me tinham ensinado.

A julgar por algumas recordações, nunca acreditei a sério, apenas confiava naquilo que me ensinavam e que os adultos professavam diante de mim; mas essa confiança era muito precária.

Lembro-me de que quando tinha onze anos um rapaz, Volódia M., que já morreu há muito, que era aluno do liceu, nos foi visitar a um domingo, nos anunciou como a última novidade uma descoberta feita no liceu. A descoberta consistia em que Deus não existe e que aquilo que nos ensinam sobre ele são tudo invenções (isto foi em 1838). Lembro-me de como os meus irmãos mais velhos se interessaram por esta novidade e me chamaram também a mim para o seu conselho. Lembro-me de que ficámos todos muito animados e aceitámos essa notícia como muito importante e inteiramente possível.

Lembro-me também de que quando o meu irmão mais velho, Dmitri, que então frequentava a universidade, de repente, com o modo apaixonado que era o seu, se entregou





à religião e passou a assistir a todos os serviços da igreja, a jejuar e a levar uma vida pura e moral, todos nós, mesmo os mais velhos, o ridicularizávamos constantemente e lhe chamávamos, não sei porquê, Noé. Lembro-me de que Mússin-Púchkin, que era então o curador da igreja da universidade de Kazán, que nos chamava para bailes em sua casa, procurava ironicamente convencer o meu irmão dizendo-lhe que até David dançou diante da Arca. Eu então juntava-me a esses gracejos dos meus irmãos mais velhos e tirava deles a conclusão de que era necessário estudar o catecismo, era preciso ir à igreja, mas não se devia levar tudo isso muito a sério. Lembro-me ainda de que era muito jovem quando li Voltaire, e as zombarias dele não só não me indignavam, como até me divertiam muito.

A minha apostasia aconteceu da mesma maneira que aconteceu e continua a acontecer com as pessoas do nosso nível de instrução. Acho que ela ocorre, na maioria dos casos, deste modo: uma pessoa vive como toda a gente vive, segundo princípios que nada têm em comum com a doutrina religiosa, e na maioria dos casos contrários a ela; a doutrina religiosa não participa da vida, nas relações com outras pessoas não tem que a enfrentar e na sua própria vida nunca precisa de a ter em conta; a doutrina religiosa professa-se algures longe da vida e independentemente dela. Se a encontramos, é apenas como um fenómeno externo, sem ligação com a vida.

Pela vida de um homem, pelas suas actividades, agora como então, é impossível saber se ele é crente ou não. E se há diferença entre os que professam abertamente a fé ortodoxa e aqueles que a negam, a diferença não é a favor dos primeiros. Tal como agora, também então a aceitação e a prática pública da fé ortodoxa ocorria principalmente entre as pessoas obtusas, cruéis e imorais e que se consideravam muito importantes. A inteligência, a honestidade, a franqueza, a bondade e a moralidade encontravam-se com mais frequência entre os que se declaravam não crentes.





Nas escolas ensinam o catecismo e mandam os alunos à igreja; aos funcionários são exigidas provas de presença na comunhão. Mas um homem do nosso círculo, que já não estuda e não está ao serviço do Estado, pode mesmo agora – e antigamente ainda mais – viver dezenas de anos sem se lembrar uma única vez de que vive no meio de cristãos e ele próprio é considerado praticante da fé cristã ortodoxa.

De modo que, tal como hoje, também antes a doutrina religiosa, aceite por confiança e suportada por pressão exterior, desvanece-se pouco a pouco sob a influência do conhecimento e das experiências da vida que a contrariam, e em muitos casos o homem vive muito tempo imaginando que conserva em si intacta a fé religiosa que lhe foi transmitida desde a infância, quando na verdade não lhe resta já nem vestígio dela.

S., um homem inteligente e franco, contou-me como deixou de ter fé. Uma vez, já com vinte e seis anos de idade, durante uma caçada, no lugar onde ia pernoitar, pôs-se a rezar a oração da noite – por um velho hábito adquirido desde a infância. O irmão mais velho, que andava na caçada com ele, estava deitado em cima do feno e olhava para ele. Quando S. terminou e se ia deitar, o irmão disse-lhe: «Tu ainda continuas a fazer isso?» E não disseram mais nada um ao outro.

A partir desse dia, S. deixou de rezar e de frequentar a igreja. E há já trinta anos que não reza, não comunga nem vai à igreja. Não porque conhecesse as convicções do irmão e tivesse aderido a elas, nem porque tivesse decidido qualquer coisa na sua alma, mas apenas porque a palavra dita pelo irmão foi como um empurrão com um dedo a uma parede que estava pronta para cair devido ao seu próprio peso; essa palavra foi a indicação de que o lugar onde ele pensava que estava a fé era há muito um lugar vazio e que por isso as palavras que ele dizia, e as cruzes que fazia durante a oração, eram acções sem qualquer significado. Ao ter consciência do seu absurdo, não podia continuar.





Assim acontecia e acontece, penso eu, com a maioria das pessoas. Falo das pessoas do nosso nível de instrução, falo das pessoas sinceras consigo mesmas, e não daquelas que do próprio objecto da sua fé fazem um meio para alcançar determinados objectivos mundanos. (Essas pessoas são os mais radicais descrentes, porque se a fé para elas é um meio para alcançar certos objectivos na vida, isso não é de certeza fé.) Essas pessoas do nosso nível de instrução encontram-se numa situação em que a luz do conhecimento e da vida desfez o edifício artificial e elas já notaram isso e libertaram o lugar, ou ainda não se aperceberam.

A doutrina religiosa que me foi transmitida desde a infância desapareceu em mim da mesma maneira que em outros, com a única diferença de que, como comecei muito cedo a ler muito e a pensar, a minha rejeição da doutrina tornou-se consciente desde muito novo. Aos dezasseis anos deixei de me ajoelhar e rezar e por minha própria vontade deixei de ir à igreja e de jejuar. Deixei de acreditar naquilo que me foi inculcado desde a infância, mas acreditava em alguma coisa. Não seria capaz de dizer aquilo em que eu acreditava. Acreditava em Deus, ou antes não negava Deus, mas seria incapaz de dizer em que espécie de Deus; não negava Cristo e a sua doutrina, mas também não poderia dizer em que consistia a sua doutrina.

Ao recordar agora aquele tempo, vejo claramente que a minha fé – aquilo que, para além dos instintos animais, movia a minha vida –, a minha única verdadeira fé nesse tempo era a fé no aperfeiçoamento. Mas em que consistia o aperfeiçoamento e qual era o seu objectivo, não seria capaz de dizer. Tentava aperfeiçoar-me mentalmente – estudava tudo o que podia e tudo o que a vida me apresentava; procurava aperfeiçoar a minha vontade – traçava regras para mim e tentava segui-las; aperfeiçoava-me fisicamente, cultivando a força e a agilidade com toda a espécie de exercícios, treinando a resistência e a paciência com privações de toda a espécie. O princípio de tudo foi sem dúvida o aperfeiçoamento moral, mas em breve este foi substituído pelo aperfeiçoamento em geral,





isto é, o desejo de ser melhor não perante mim mesmo ou perante Deus, mas o desejo de ser melhor aos olhos das outras pessoas. E muito depressa essa aspiração a ser melhor diante das pessoas foi substituída pelo desejo de ser mais forte do que os outros, isto é, de ser mais famoso, mais importante, mais rico do que os outros

[...]

XII

A consciência do erro no conhecimento racional ajudou-me a libertar-me da tentação da filosofice ociosa. A convicção de que só a vida nos pode trazer o conhecimento da verdade levou-me a duvidar da rectidão da minha vida; mas o que me salvou foi o facto de ter sido capaz de me livrar do meu exclusivismo e ver a real vida do simples povo trabalhador e compreender que só essa é a vida real. Compreendi que, se quiser compreender a vida e o sentido dela, preciso de viver não a vida de um parasita, mas a verdadeira vida e, aceitando o sentido dado à vida pela verdadeira humanidade, fundindo-me com essa vida, confirmar esse sentido.

Por essa mesma altura, aconteceu-me o seguinte. Durante esse ano em que quase a cada minuto perguntava a mim mesmo se não seria melhor acabar tudo com uma corda ou com uma bala – durante todo esse tempo, a par dos pensamentos e das observações de que falei, o meu coração andava oprimido por um sentimento doloroso. Um sentimento que só posso designar como a procura de Deus.

Digo que essa procura de Deus não era um raciocínio, mas uma sensação, porque essa procura decorria não do curso dos meus pensamentos – era directamente oposto a eles – mas procedia do meu coração. Era um sentimento de medo, de orfandade, de solidão no meio de tudo o que me era estranho e de esperança na ajuda de alguém.

